

A criança e o autorretrato: uma análise da relação da criança de seis anos com o autorretrato

The child and the self-portrait: An analysis of the six-year-old child's relationship with the self-portrait

Adriana D'Agostino

Doutoranda do Programa de Estética e História da Arte (PGEHA) da Universidade de São Paulo (USP)

DOI: 10.47573/aya.5379.2.87.12

RESUMO

Este trabalho apresentado é um fragmento da dissertação de mestrado realizada a partir da pesquisa de campo com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, em 2007, do Colégio Salesiano Santa Teresinha, localizado em São Paulo. Teve como objeto de investigação a relação entre autorretratos e crianças de seis anos, inserida em uma educação contemporânea em Arte. A partir de uma abordagem autobiográfica, apresentam-se as diferentes situações de investigações vivenciadas nas aulas com os alunos, buscando entender como acontecem seus processos expressivos.

Palavras-chave: arte/educação, criança, autorretrato, Arte, abordagem triangular

ABSTRACT

The article presented is a fragment of the master's dissertation carried out from field research with students of the 1st year of Elementary School, in 2007, at Colégio Salesiano Santa Teresinha, located in São Paulo. Its object of investigation was the relationship between self-portraits and six-year-old children, inserted in a contemporary education in Art. From an autobiographical approach, different situations of investigations experienced in class with students are presented, seeking to understand how their expressive processes take place.

Keywords: art/education, child, self portrait, Art, triangular approach

INTRODUÇÃO

A pesquisa foi realizada a partir de um material utilizado pela rede Salesiana de ensino. Além deste livro, outros materiais foram utilizados, que serão descritos no decorrer do artigo.

A pesquisa aqui presente é qualitativa, pois utiliza o ambiente da escola – ambiente natural, segundo GODOY (1995,p.21), como fonte direta de dados, sendo a pesquisadora instrumento fundamental para sua realização.

Dessa forma, a pesquisa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, e sua interpretação não necessita de técnicas nem de métodos, tendo uma abordagem com foco no processo e seu significado.

Para compreender melhor os fenômenos individuais, com maior detalhamento, foi utilizado o estudo de caso como meio de investigação. O estudo de caso coleta dados junto a pessoas e suas relações com o objeto. Dessa forma, foi dividido em três partes: a fase exploratória, que é a delimitação do problema da investigação, o trabalho de campo, que é a fase da coleta de dados, e a análise e tratamento do material empírico e documental.

A primeira parte trata a respeito do autorretrato, utilizando a Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais, disponível no site do Itaú Cultural; de Kátia Canton os livros Espelho de artista – autorretrato (2004), Tempo e memória, Corpo, Identidade e Erotismo e Narrativas enviesadas, os três últimos da Coleção Temas da arte Contemporânea (2009), e ainda Novíssima arte brasileira: um guia de tendências (1998). De Denise Maia a pesquisa Auto retrato: a pintura como expressão da alma (2007). A segunda parte da pesquisa apresenta a contribuição da arte/educa-

ção e foi composta pelos relatos de experiências realizados com os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, inspirada pela forma de trabalho de Anna Marie Holm em *Fazer e Pensar Arte* (2005) e, sem dúvida, na *Abordagem Triangular* de Ana Mae Barbosa. As relações entre mediação e sala de aula, utilizando Maria Heloísa C. de T. Ferraz e Maria F. de Rezende e Fusari em *Metodologia do Ensino de Arte: fundamentos e proposições* (2009); Ana Mae Barbosa (org.) em *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais* (2008), ainda o texto *Releitura, citação, apropriação ou o quê?* (2008) de Ana Amália Barbosa; novamente Ana Mae Barbosa, juntamente com Rejane Galvão Coutinho (orgs.) no livro *Arte/educação como mediação cultural e social* (2009), em especial no texto de Irene Tourinho chamado *Visualidades comuns, mediação e experiências cotidianas* (2009); Ana Mae Barbosa e Regina Machado em *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos* (2010).

A relação entre identificação e a identidade cultural e os autorretratos produzidos pelos alunos é discutida a partir de Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2001); a questão da ideologia das mídias foi abordada na entrevista do autor feita por Heloisa Buarque de Hollanda e Liv Sovik em *Entrevista com JB Stuart Hall*; a contribuição de Susana Rangel Vieira da Cunha a respeito dos gêneros nos textos *Cultura visual, gênero, educação e arte*, *Cultura visual e infância*, e em *Entre Van Goghs, Monets e desenhos mimeografados: Pedagogias em Artes na Educação Infantil* (2006). Há ainda a contribuição de Anthony Giddens em *Modernidade e Identidade* (2002), discutindo a formação da auto-identidade.

Na mitologia grega, Narciso se encanta por sua própria imagem no reflexo da água a ponto de se afogar nela. O reflexo espelha a beleza que antes ele não conhecia. O espelho transforma-se em metáfora na mente de artistas: nele se reflete não apenas a aparência, mas a mais profunda verdade que há dentro de alguém. Nada escapa do espelho. O espelho é capaz de mostrar a personalidade, os sentimentos e as ambições. Através das pinturas surgem os autorretratos, refletindo a história da arte e das civilizações.

A experiência contemporânea, com os sistemas de comunicação (virtual em tempo real, por exemplo), os fenômenos das poluições (atmosférica, hidrosféricas, etc.), os diferentes meios de transporte, a velocidade instantânea de informações e de imagens, faz com que o tempo substitua a sensação de objetividade cronológica por uma circularidade instável, turbulenta, afetando a experiência de cada indivíduo. Assim, os retratos e autorretratos passam a servir como respostas a esse tempo: não há mais limite de suporte, de materiais, de linguagens. Há, de fato, uma reflexão sobre os assuntos que definem o mundo contemporâneo.

Crianças gostam de se ver no espelho. Fazem poses, sorriam, fazem caretas. Criança encara o espelho como um amigo, outro dele mesmo em que pode ser o que quiser: super-herói, princesa, fada. Criança não sente vergonha em brincar com sua imagem refletida e pode ficar muito tempo se olhando; age como o Narciso a primeira vez que viu sua imagem refletida.

Lembro-me que passava um bom tempo frente ao espelho quando criança: gostava de fazer isso após o banho, amarrando a toalha como se fosse uma fantasia. Virava cantora, dançarina, a Mulher-Maravilha.

Hoje vejo que as crianças também fazem isso. Vejo também que o espelho também é a câmera digital: podendo se ver como ficou instantaneamente, a criança também faz pose, imita algum personagem. Gosta de brincar de se ver e pede para ser fotografada. Faz isso inúmeras

vezes. Brinca com sua imagem e a transforma naquilo que quiser. É o momento em que pode ser outro. Além disso, criança gosta de mostrar sua imagem para seus amigos: faz isso rindo, se divertindo.

A criança acompanha seu tempo e o representa. Faz sem a intenção de artista, mas faz procurando se parecer o mais próximo da realidade, mesmo que essa seja no papel de outro personagem, admirado por ela.

Se o autorretrato é o espelho para o artista, o autorretrato também coloca a criança frente a si: ela se olha e percebe como é seu corpo, vê os detalhes de seu rosto. A criança de seis anos vai observando detalhes que antes não percebia, quando mais nova. Destaca em sua produção aquilo que mais gosta e o que desejaria ter e ser.

A partir da Abordagem Triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa, o trabalho aqui apresentado "(...) não se baseia em conteúdo, mas em ações".(BARBOSA, 2010, p.XXVII) Os conteúdos são trocados pela contextualização com sentido na vida das crianças. Barbosa diz que a partir do momento que a criança é preparada para o entendimento das artes visuais, ela se torna capaz de entender qualquer tipo de imagem. Contar sobre a história da arte auxilia a criança a se situar no tempo e no espaço. Conhecer sobre o objeto é de fundamental importância a fim de que a criança se envolva totalmente, entendendo, compreendendo e decodificando as várias significações de uma obra de arte.

DESENVOLVIMENTO

Vamos conversar sobre Arte? Esta foi a pergunta com a qual iniciei a aula na sala de arte. Muitos alunos começaram a falar: arte é pintura, desenho, "estátua". Estávamos sentados em roda ao chão, na frente da sala, para que todos pudessem se ver e se ouvir. Então perguntei: - Vocês sabem o que é uma obra de arte?

Eles começaram a falar em pinturas que estão em museus, em artistas que fazem obras de arte. Falaram da Tarsila do Amaral e de Jackson Pollock. Coloquei alguns livros e pôsteres de Arte ao centro de nossa roda: havia um pouco de tudo, imagens de pinturas clássicas, modernistas, contemporâneas. Deixei que todos manuseassem o material. Enquanto isso, conversavam entre si, mostrando o que viam e comentando:

- Essa eu já vi! Olha que legal!...

Como nossa aula tinha a duração de uma hora e meia (são duas aulas de 45 minutos cada), ainda restavam trinta minutos para o término. Perguntei o que gostariam de fazer e eles responderam que queriam pintar. Deixaram a roda, pedi para vestirem seus "camisetões" de pintura e fomos para as mesas. Os alunos costumam ir para a sala de arte com uma sacolinha com "camisetão" (camiseta usada de algum adulto de casa), toalha pequena e estojo com diversos materiais como lápis, canetinhas, cola e tesoura. Entreguei uma folha para todos, pinceis e tintas coloridas. Eles colocam o nome no verso da folha, guardam a sacolinha debaixo da mesa e eu forro as mesas com papel craft. Costumo entregar tintas e um pote de água por dupla de aluno, que dividem esse material. Cada um pintou o que queria: paisagens, pessoas, carros, entre outros. Alguns conversavam durante a pintura sobre o que haviam visto nos livros.

Encontrei novamente os alunos na semana seguinte. Antes de entrarmos na sala, pedi que fizessem uma roda ao chão para que pudéssemos continuar a conversa da semana passada. A sala de arte é um espaço com mesas, balcões, prateleiras, bancos e pia. Nas paredes há pôsteres de obras de arte de diferentes artistas. Há ainda um painel com desenhos dos alunos. Costumo sentar com a turma em frente à sala, pois não há espaço para sentar ao chão em roda.

- Sentados em roda, fui logo perguntando o que é um retrato:

- É uma foto que você tira para colocar na carteirinha. – disse a aluna L. - A gente tirou foto essa semana. – disse o aluno P., lembrando que haviam tirado fotos para a carteirinha do colégio.

- E como é esse retrato? Como nós aparecemos nele? – pergunto para a turma.

- Só pela metade. – respondeu a aluna M.

Aproveito a fala da aluna M. para mostrar um documento de identidade meu, com a foto. Continuo e pergunto:

- Vocês já viram alguma pintura assim, pela metade?

A minha surpresa foi grande ao ouvir Mona Lisa. Os alunos começaram a falar da obra, descrevendo alguns detalhes. Como havia um pôster da obra em meu armário, mostrei a eles e perguntei como eles sabiam tanto da obra. Eles disseram que haviam visto em desenhos da televisão.

Contei sobre Leonardo da Vinci e sobre o que os estudiosos dizem dela. Disse que ela é um dos retratos mais famosos do mundo e que outros artistas se inspiraram nela para produzir suas obras. Disse também que este é um tipo de retrato, de meio corpo, e perguntei se existe retrato de corpo inteiro.

Em coro, disseram que havia. Pedi, então, para que entrássemos na sala e pedi que fizessem um retrato de um amigo da sala.

Conforme iam terminando o desenho, os alunos mostravam para seus amigos o resultado final. Muitos foram expressando suas opiniões durante o desenho, dizendo se estavam parecidos, se gostaram ou não, entre outros comentários. Ao final da aula, falei para eles que alguns artistas utilizaram a imagem da Mona Lisa em suas obras. Combinamos que mostraria algumas imagens na aula seguinte.

No início da aula, novamente em roda, apresentei uma Mona Lisa diferente: Mona Lisa de Fernando Botero, Mônica Lisa de Maurício de Souza, a Mona Lisa de Marcel Duchamp, a Mona Lisa nas obras de Nelson Leirner. Cada Mona Lisa era recebida com riso seguido de curiosidade e de perguntas sobre o artista.

Questionei o grupo a respeito de pontos em comum de cada obra: falou se sobre as cores, a respeito da posição da Mona Lisa, sobre o fundo com vegetação e sobre o retrato não ser de corpo inteiro, ou como eles disseram, “pela metade”. M. falou para todos que a Mona Lisa estava com pose de “tirar foto”, como na foto de documento que eu havia mostrado. Perguntei, então, qual era a diferença entre a foto de documento e a Mona Lisa:

- A Mona Lisa é uma pintura! – disse L. Ela é um desenho! – disse R.

- Vocês acham que os artistas pintam direto em um suporte ou desenharam primeiro? – perguntei.

Conversamos a respeito e a turma achou que poderiam ser feitas das duas formas: desenhando primeiro e depois pintando, ou então pintando direto em algum suporte. Ou até mesmo usando outros materiais, recortando e colando no suporte. Aproveitei e comentei um pouco sobre a arte contemporânea, dizendo que os artistas fazem suas obras de diferentes formas e maneiras, usando vários tipos de materiais.

Apresentei, então, um jogo chamado Ancestrais, da Faber-Castell: é um jogo para formar retratos com o auxílio de réguas de diferentes formatos de rostos, de cabelos, bocas, etc.

Os alunos criaram diferentes retratos e deram nomes para eles. Enquanto faziam, mostravam seus retratos aos amigos, divertindo-se com a atividade. Ao final da aula, perguntei quantas “Mona Lisas” existiam.

A resposta veio mais rápida do que eu imaginara:

- Uma só, a do Leonardo da Vinci. Os outros artistas copiaram e fizeram uma nova! – disse M., de forma tranquila e natural.

- E os artistas mostram alguma coisa para gente quando fazem isso? – perguntei.

- Que a gente pode fazer muita coisa maluca! – falou R., fazendo os amigos rirem.

Uma nova semana começara. Dessa vez, havia preparado algo diferente para os alunos: galhos secos, algumas frutas e flores. Deixei escondido em uma sacola. Assim que chegaram à sala, pedi que formassem uma roda, perguntei que cheiro tem um retrato. Eles disseram que tinha cheiro de tinta. Então continuei:

- Hoje nossa aula vai começar diferente: cada um virá até o centro da roda e eu colocarei uma faixa nos olhos. Em seguida, vou colocar algo na frente e pedir para você cheirar. Você terá que adivinhar qual objeto está cheirando. Nenhum outro aluno pode falar o que é. Combinado?

Todos gostaram da ideia e logo manifestaram o interesse por participar da brincadeira. Fui chamando um de cada vez e pedindo para cheirar um objeto. Eles riam, falavam que não cheirava bem ou que fazia cócegas no nariz. Ao final, perguntei a eles:

- E se tudo que vocês sentiram e viram aqui virasse um retrato, como seria?

Uns disseram que seria engraçado, outros falaram que seria esquisito. Aproveitei o momento para contar a história do livro Os quadros divertidos de Arcimboldo, de Sylvie Girardet. A cada obra que viam, manifestavam-se com risadas, sustos e até mesmo nojo. Assim, os alunos iam descobrindo novos elementos e se divertindo.

O retrato Inverno causou susto e medo em algumas crianças. Ao mesmo tempo, tinham curiosidade em saber quais os elementos faziam parte daquele rosto assustador. Ao final da leitura do livro, discutimos sobre as obras e fiz uma proposta: pedi que a classe escolhesse um tema para criar um retrato gigante. Eles gostaram da ideia e entramos na sala de Arte. Entreguei um pedaço de papel para cada um escrever, em segredo, um tema para o retrato. Ao final, todos colocaram o papel dentro de um saquinho plástico para sortear o tema do retrato da sala.

Cada sala escolheu um tema: medo, primavera, frio, comida e arco-íris. Cada retrato gigante foi feito com pinturas em folha separada e depois colados e montados em um só. Escolheu-se também qual seria a posição do retrato: de frente ou de perfil.

A pintura foi realizada nas aulas das semanas seguintes, assim como a colagem no retrato gigante. Ao finalizar, cada retrato foi exposto na área de convivência da Educação Infantil.

Depois de três semanas trabalhando inspirados no artista Arcimboldo e discutindo sobre diferentes retratos, estava na hora de começar a usar o livro de Arte. Entramos na sala, entreguei o livro e deixei-os manusear e conversar sobre o que estavam vendo. Muitos perceberam que as obras do livro eram retratos.

Depois de alguns minutos, perguntei o que havia em comum entre as obras. Logo veio a resposta: são retratos.

- O que é um retrato, então? – perguntei.

- Retrato é uma pintura de um artista. – disse G.

- Qualquer pintura? – indaguei.

- Não, de uma pessoa. – retrucou novamente G.

- Só um artista pode fazer retratos? - perguntei

- É claro que não, nós fizemos o retrato do amigo. – continuou G., muito interessada na discussão.

- Mas tem um retrato no livro que não é pessoa! – disse P. apontando para o “Autorretrato” de Nelson Leirner.

- E então, o que parece ser? – perguntei sobre a obra.

Alguns disseram que pareciam duas patas de bichos. Outros, que pareciam olhos. Falei que aquela obra é um autorretrato, assim como a obra de Flávio de Carvalho:

- Esses artistas (referindo-me a Flávio de Carvalho e a Nelson Leirner) fizeram suas próprias figuras. Então, fizeram seus autorretratos. Se cada um aqui fizesse um autorretrato, como seria? – perguntei.

- Seria a gente mesmo. – falou M.

- Mas esse não fez seu rosto. – disse K., apontando a obra de Leirner. - Mas esse é seu autorretrato. O que nós podemos pensar sobre isso? – perguntei novamente.

- Que ele é assim. – disse R., fazendo a sala inteira rir.

- Ele é assim ou pensa que é assim? – questionei.

- A gente pode ser o que a gente quiser, no mundo da imaginação! – respondeu G., com jeito de curiosa.

- Alguém já viu um artista pintando? O que ele usa para pintar? – indaguei.

- Pincéis e tintas, como esse aqui. – gritou N., mostrando a obra de Flávio de Carvalho.

- Ele também pode misturar as cores. Será que ele usa algum objeto para fazer isso? – questionei a turma.

- Usa! Isso aqui, oh! – apontou L. para as figuras da obra de Leirner. - Você acha que isso é uma paleta, L.? Vocês concordam com ele? – falei com todos.

Eles concordaram e apontaram as duas paletas de pintura, com tinta a óleo e linhas coloridas na moldura de madeira. Perguntei se eles já tinham usado uma paleta e disseram que parecia com a aquarela que tinham na sala de aula. Contei que o artista, em suas obras, costuma se apropriar de objetos, tirando-os de seu contexto e colocando-os em outro, buscando uma nova obra. Sugeri que eles fizessem perguntas ao próprio artista, por e-mail:

Alguns alunos espantaram-se com a ideia de o artista estar vivo. Percebo essa surpresa todos os anos com os alunos, a partir dos seis anos de idade. Acredito que isso acontece pelo fato de conhecerem as obras mais “consagradas” pela história da arte.

Conversamos e as perguntas ficaram assim:

- São mesmo paletas usadas em seu autorretrato? Você só utilizava a técnica de pintura na época em que fez seu Autorretrato? - Se você fizesse seu Autorretrato hoje, como ele seria?

Enviei um e-mail para o artista, na frente da turma, em meu computador. Percebi que todos estavam ansiosos, esperando que ele respondesse na mesma hora. Disse que nem sempre as pessoas respondem no mesmo momento, que poderia demorar uma hora ou até mesmo dias. De qualquer forma, eles só veriam a resposta na semana seguinte.

Nossa aula estava terminando. Todos fecharam seus livros, colocaram nos em uma pilha no balcão e foram para a porta, pois a professora havia chegado. Despediram-se de mim, falando que iam ficar torcendo para que Nelson Leirner respondesse logo.

A resposta veio na semana seguinte:

Oi Adriana, Quanto tempo? Como vamos? Vou te responder As paletas são da época quando comecei estudar pintura com Juan Ponz se a memória não me falha 1954 (Puxa, como sou velho)Nesta época não pintava mais, tanto que o autorretrato é uma apropriação. Meus colares.

Qualquer coisa que precisar estou as ordens

Carinhosamente, Nelson

Eles ficaram muito felizes em saber que um artista havia respondido suas perguntas e que eu havia conseguido enviar um e-mail para ele. Eles acharam engraçado saber que ele se acha velho. Contei à turma que eu havia feito um trabalho em 2006 sobre suas obras e por isso precisei conversar com ele, que sempre foi muito atencioso comigo. Percebi que todos estavam espantados ao saber que um ARTISTA havia respondido as perguntas deles; muitos acham que um artista é alguém inatingível ou mesmo alguém que já morreu.

Uma nova semana começara e estava na hora de ver a reação dos alunos ao ver o mural que eu havia montado. Não falei nada e recebi os alunos na sala. Logo ouvi:

- Olha a foto daquele artista! – disse R.

- Nelson Leirner! – disse F. sorridente, com um ar de satisfação por lembrar o nome do artista.

- Ele fez o autorretrato com as paletas! – falou D. - E mandou um e-mail pra gente! – lembrou M.

Começamos a relembrar o que havia ocorrido nas últimas aulas: falaram sobre o email, sobre o colar do artista e até mesmo sobre as imagens que recortaram e colaram no livro, representando-os. Foi uma conversa interessante, pois pude perceber que iam retomando toda nossa conversa das últimas aulas.

- Alguém descobriu alguma coisa sobre autorretrato? – perguntei.

- Meu pai falou que a Mona Lisa é um autorretrato. – disse F.

Perguntei a turma o que achavam sobre o que S. acabara de contar: - Mas o Leonardo da Vinci era um homem e a Mona Lisa é uma mulher! – disse P. parecendo brava. S. continuou dizendo que o pai havia pesquisado na internet sobre a Mona Lisa. Aproveitei o momento e disse à turma que há pesquisas sobre o assunto e que há pesquisadores que dizem que pode ser um autorretrato, um retrato de uma mulher ou até mesmo um retrato de um homem.

- Não sabemos ao certo o que um artista fez se ele não deixar escrito. Mas será que o Leonardo da Vinci queria que nós soubéssemos sobre sua obra ou ele queria nos deixar em dúvida? – indaguei. Continuei dizendo que ele deixou vários códigos em suas obras: escrevia ao contrário em seus quadros, podendo ser lida apenas com um espelho, ou às vezes usava símbolos.

- Vocês não acham interessante quando um artista faz sua obra para nos deixar curiosos?

Alguns disseram que sim, outros que não. Aproveitei o momento para falar que eles saberiam mais de outros autorretratos no livro Espelho de Artista: autorretratos, de Kátia Canton.

Conversamos sobre o título do livro e perguntei:

- Mas ele não sabe como ele é, precisa se olhar no espelho?

- Sabe, mas olhando no espelho ele se vê melhor. – disse R.

- A gente só se conhece olhando no espelho? – perguntei.

- A gente se vê melhor no espelho, com tudo que a gente tem. Tudo direitinho.

- E se vocês se olharem no espelho, vocês conseguirão se conhecer melhor? - perguntei

Comentei a respeito da quantidade de autorretratos apresentados no livro. Disse que havia muitos outros ainda que não aparecem no livro, com diferentes técnicas também. Comecei a ler o livro, fazendo-os acompanhar a leitura, já que ainda não lêem. O livro inicia com os primeiros registros dos homens pré-históricos, com suas marcas de mãos nas paredes. A primeira atividade tem o nome de “O artista é você” e pede para cada criança se olhar no espelho, reparando no cabelo, na cor da pele e no olhar, tanto de frente quanto de perfil. Em seguida, pergunta “De que modo você se retrataria, se fosse fazer uma pintura de si mesmo?” (CANTON, 2004, p. 15). Assim, fizeram seus autorretratos.

Iniciei a nova aula com esta pergunta, a mesma deixada no final da aula anterior: como será que um artista faz seu autorretrato?

- Ele se olha no espelho! – disse rapidamente G. - Ele pode usar o que ele lembra dele. – falou M. se referindo a memória.

- Mas qual a técnica que um artista pode usar? – questionei e aponte para o Autorretrato com paleta, de Modigliani.

E assim fomos explorando os retratos e autorretratos, realizando diferentes atividades, todas sendo expostas pela escola, até em uma exposição aberta para pais e comunidade. Foram realizadas diferentes técnicas, como desenhos, pinturas, recortes e colagens, com materiais variados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos trabalhos apresentados, as crianças apresentaram várias questões relacionadas à identidade: pintaram estampas de princesas, bailarinas, de time de futebol. Repetiram padrões comuns a uma cultura que as crianças estão inseridas e que, de alguma forma, contribuem para a formação de sua identificação. Para HALL(2011), a identidade deveria ser chamada de identificação, por ser um processo em constante modificação e formada ao longo do tempo. Mas como essas questões afetam as crianças? Para compreender melhor, é importante comentar a respeito da classe social e econômica nas quais o colégio está inserido: o Colégio Salesiano Santa Teresinha é o maior da Zona Norte e recebe os moradores que vivem em seu redor. Em sua maioria, são filhos de proprietários de lojas e de empresas. São famílias que costumam viajar duas vezes por ano para os Estados Unidos, em especial para a DisneyWorld, valorizando assim o consumo ao invés da cultura. As mochilas são normalmente de personagens da Disney, como o Relâmpago McQueen(filme Carros 1 e 2, 2006 e 2011) e de princesas, como a Merida (filme Valente, 2012). O esporte favorito é o futebol, torcendo pelos times Corinthians, São Paulo e Palmeiras. As músicas favoritas são “Camaro Amarelo” (Munhoz e Mariano), “Assim você mata o papai” (Sorriso Maroto), “Gatinha Assanhada” (Gusttavo Lima), entre outras, músicas essas cantadas espontaneamente quando realizam alguma atividade na sala de arte.

Os trabalhos também demonstraram diferenças entre gêneros: as meninas, de forma geral, se maquiaram e fizeram acessórios, como brincos, tiaras e coroas, imitando padrões de beleza de atrizes e de princesas, enquanto os meninos “espetaram” os cabelos como os dos jogadores, desenharam bonés, pintaram barbas e bigodes. Como em um espelho, a criança se vê na sua representação, mas da forma como ela queria que fosse realmente.

As leituras dos retratos apresentaram diversas histórias, muitas delas relacionadas à vida das crianças. Quantas informações valiosas apareceram durante nosso percurso – muitas delas foram transmitidas às professoras de sala, como a preocupação com a cor da pele. O trabalho de Arte é capaz de chegar a um nível de sensibilidade tão profundo que é possível ajudar a criança em alguma questão não resolvida. As imagens carregam informações que não tocam a algumas pessoas, mas conversam diretamente com outras. Acredito que a Arte deveria posicionar-se ao lado das disciplinas da escola, caminhando em um mesmo sentido. A criança é um ser por inteiro, não fragmentado; a escola assim deveria ser. Sei que existem pensamentos

pedagógicos e filosóficos que são assim, mas que, infelizmente, atingem poucos estudantes.

De qualquer forma, a Arte deveria proporcionar aos alunos uma consciência de mundo e gerar, assim, novas ideias para ele, em busca de um mundo melhor. Pode parecer utópico, porém tenho certeza de que há arte/educadores buscando isso, como mostram as pesquisas que foram e vem sendo realizadas. A partir do que foi abordado, pretendo apresentar e discutir com os professores e coordenação. Pretendo ainda continuar buscando compreender o universo das imagens na infância para procurar modificar o modo de como elas são introduzidas sem questionamentos, com uma invasão passiva.

REFERÊNCIAS

Barbosa, Ana Mae; Coutinho, Rejane Galvão (org.)Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Amália. Releitura, citação, apropriação ou o quê? In: BARBOSA, Ana Mae. Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: UNESP, 2008.

CANTON, Kátia. Espelho de artista – Autorretrato. Coleção Mundo de artista.São Paulo: Editora Cosac Naify, 2004.

CANTON, Kátia. Narrativas enviesadas. Coleção Temas da arte Contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. Novíssima arte brasileira: um guia de tendências. São Paulo: Iluminuras, 1998.